

## Ivan Antônio de Almeida

### Tolstói, os “Três Eremitas” e a tradição da mística ortodoxa

Texto apresentado durante o *VIII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR): Religião, Raça e Identidade*, realizado em São Luís do Maranhão, em 2006, e publicado nos *Anais eletrônicos* do evento.

Na história do cristianismo, é comum não distinguirmos as formas através das quais ele se manifesta pelas diversas regiões do planeta. Também não é prática do historiador discutir as contradições presentes no cristianismo, como se tal assunto pertencesse ao campo exclusivo dos teólogos. Os artistas, sempre mais à frente do seu tempo, não têm essas limitações.

No texto, chamamos a atenção para a especificidade da tradição ortodoxa, em particular a russa, onde a vivência do cristianismo ocupa uma posição central. Tolstói, embora tivesse diferenças profundas com a Igreja Ortodoxa Russa, a ponto de ter sido excomungado, era profundamente religioso e traduz, na sua obra, essa religiosidade. No conto os Três eremitas, Tolstói, de maneira simples (e genial), apresenta-nos os paradoxos entre a prática dessa mística e sua institucionalização através da Igreja Ortodoxa Russa.

O conde Leon Nikolaievich Tolstói nasceu em Iasnaia Poliana, então ainda uma propriedade feudal, em 28 de agosto de 1828 e morreu no dia 07 de novembro de 1910. Teve uma rica, em termos de vivência, e atribulada vida. O sentido da existência humana foi, durante toda sua vida, a questão que o inquietou. Quando escreve, sente-se inspirado por Deus: “Peço a todos os meus amigos, vizinhos e distantes... que prestem atenção àquela parte de minha obra na qual, eu sei, falava através de mim a força de Deus – e a utilizem para a sua vida...”, registra ele no seu diário. Sua obra completa chega a mais de noventa volumes. Além dos romances mais conhecidos como *Guerra e Paz* (1868) e *Ana Karenina* (1875) produziu mais de duzentos ensaios.

Aos 55 anos de idade passa por uma crise existencial profunda. É quando mergulha nos Evangelhos e decide viver o cristianismo em toda a sua radicalidade. Passa a considerar sua produção literária como um sucesso mundano e se dedica a ensaios e contos espirituais. Esta é considerada a segunda fase de sua vida como escritor. Sua obra, em particular a idéia da ação pela não violência, tem uma influência decisiva sobre Gandhi que afirma ter sido a leitura de *O Reino de Deus está em vós*, em 1894, a responsável pela cura de um ceticismo atroz e pela decisão definitiva de se tornar “um firme seguidor da ahimsa (da ação pela não violência)”. Homem de vitalidade extraordinária morre aos 92 anos de pneumonia, na casa do chefe da estação de trem de Astapovo, depois de sair de casa, em pleno inverno, por problemas de discórdia familiar.

Tolstói é criado num ambiente de profunda religiosidade, que é o ambiente da sua Rússia. É interessante notar que a sensibilidade de Tolstói com a questão social ou, para ficarmos na linguagem do universo que estamos falando, em relação à iniquidade social, é, em geral, atribuída pelos críticos ao contexto social, em particular à situação

dos camponeses, “aliado a leituras anteriores de Rousseau e outros pensadores, como diz Paulo Bezerra, omitindo-se totalmente aquele que é o centro de suas referências, a sua religiosidade cristã, cuja fonte é a leitura e a reflexão sobre os Evangelhos; ou ainda, como faz Bezerra, a questão do cristianismo é vista como um “enfoque”, como “tema que Tolstói irá desenvolver da maturidade até o fim de seus dias”, e não como a principal referência teórica de Tolstói.

A cristianização da Rússia data de 988 e até 1448 foi uma província eclesiástica do patriarcado de Constantinopla. A partir desta data cria-se o patriarcado de Moscou. A Igreja russa traz a marca do esplendor da igreja bizantina. O cristianismo enraíza-se profundamente no povo russo. As obras: *Relatos de um peregrino russo* e *O peregrino russo: três relatos inéditos*, disponíveis no Brasil, dão uma idéia das particularidades do cristianismo russo. Em relação às fontes deste cristianismo pode ser lida a *Pequena Filocalia*, que, como diz o subtítulo, é o “livro clássico da Igreja oriental”.

A grande diferença do cristianismo latino que conhecemos e do cristianismo ortodoxo é que este tem a preocupação em vivenciar o cristianismo, enquanto os latinos o conceituam. “Toda ortodoxia é dominada por essa idéia de transformação (divinização) do ser humano” (PONDÉ, 2003, p. 72, nota nº 3). Ou ainda, conforme a tradição ocidental “a espiritualidade da cruz concentra sua atenção na dimensão do sofrimento, do distanciamento de Deus e, ao mesmo tempo, na miséria de Jesus de Nazaré. No mundo, o lugar do entendimento é a dor, a agonia, o sofrimento. Quando Jesus ressuscita, ele deixa o ‘vale de lágrimas’. Mas, para o ortodoxo, mesmo depois da ressurreição, Jesus ainda continua no mundo – nas pessoas que o manifestam pela sua vivência mística e santidade” (PONDÉ, 2003, p. 76, nota nº 9). Assim, Tolstói, embora um crítico radical da Igreja Ortodoxa Russa e de toda forma de institucionalização da religião cristã, faz parte dessa tradição ao tentar vivenciar o cristianismo.

Seus contos espirituais são pouco conhecidos entre nós. A primeira publicação de cinco deles é muito recente, de 2001. Este que apresentamos, foi escrito em 1886. Nele temos a expressão artística da síntese de seu pensamento. Conta-nos Tolstói que num navio que levava peregrinos de Arkhanguelsk a Solovetskie viajava também um bispo. Aproximando-se de um grupo, ouviu de um pescador uma história de três eremitas que moravam numa ilha próxima:

– Lá longe dá para ver uma ilhota – disse o pescador e apontou para a frente, mais para o lado direito – Naquela ilhota vivem eremitas em penitência pela salvação das almas. – Mas [...] onde está a ilhota? – perguntou o bispo.  
– Lá, tenha a bondade de olhar para onde estou apontando. Lá está a nuvenzinha e, mais para a esquerda, abaixo, vê-se como que uma faixa. O bispo olhou, olhou e, por falta de costume, nada mais viu do que a água encrespando-se ao sol (TOLSTÓI, 2001, p. 44).

O pescador contou ao bispo que em certa ocasião o mar o levava a encalhar próximo à ilha e que os três eremitas o ajudaram a reparar o barco. Um, o mais velho, devia ter uns cem anos, era pequenino e curvado e usava uma batina, “o grisalho da sua barba já se tornara esverdeado, mas ele próprio estava sempre sereno e risonho, como um anjo celestial”. O outro, de estatura maior, barba larga, “de tom grisalho-amarelado”; “era um

homem forte – virou o meu barco como se fosse uma tina sem que eu tivesse tempo de ajudá-lo – e também esse era alegre”. O terceiro era alto, “barba longa até os joelhos e inteiramente encanecida. Ele era sombrio de sobranceiras caídas sobre os olhos e andava completamente nu, cingido somente por um tipo de tanga”. Explicou ainda que, pouco conversaram, “fazem tudo em silêncio e pouco falam entre si. Só pelo olhar já se entendem” (TOLSTÓI, 2001, p. 45).

A ilha onde moravam os eremitas não tinha nome, “por aqui tem muitas assim” explicou o timoneiro ao bispo. O bispo conseguiu junto ao capitão que o navio parasse e foi até a ilha num barco. Na praia estavam os três eremitas, “parados de pé e de mãos dadas” (TOLSTÓI, 2001, p. 48). Ao chegar à praia o bispo foi reverenciado, “ele abençoou-os e eles repetiram a reverência, desta vez curvando-se de modo ainda mais respeitoso”. O bispo queria conhecê-los e ensinar-lhes algo, se possível. Perguntou como eles se penitenciavam e serviam a Deus. Os eremitas entreolharam-se e o mais velho sorriu e respondeu:

*– Servo de Deus, não sabemos servir a Deus. Servimos somente a nós mesmos e nos alimentamos. – Mas como vocês rezam a Deus? – perguntou o bispo. Então o velho eremita respondeu: – Rezamos assim: “Vós sois três, nós somos três, tende piedade de nós” (TOLSTÓI, 2001, p. 49).*

E assim, repetiram juntos: “Vós sois três, nós somos três, tende piedade de nós”. O bispo sorriu ironicamente e disse: “Vejo que desejam agradecer a Deus, mas não sabem como servi-lo”, e passou a explicar-lhes sobre a Santíssima Trindade e outras coisas mais, explicando que Deus Filho deixara uma oração e passou a ensiná-la aos três eremitas que demonstraram grande dificuldade em memorizá-la. O bispo trabalhou com eles o dia inteiro fazendo com que repetissem a palavras, fragmentos e frases inteiras até que aprendessem a rezá-la por inteiro. Ao anoitecer o bispo voltou ao navio. Os três eremitas ficaram, “a três vozes rezando alto a divina oração” (TOLSTÓI, 2001, p. 51).

Voltando ao navio, o bispo permaneceu na proa ainda durante muito tempo, pensando nos bondosos eremitas, depois que todos já tinham ido dormir. “Lembrava-se de como eles haviam ficado contentes por terem aprendido a orar, e agradecia a Deus por tê-lo enviado a ajudar os veneráveis eremitas, ensinando-lhes a palavra divina”. O bispo permaneceu olhando em direção à ilha quando, de repente, “percebeu algo brilhante e esbranquiçado numa coluna moldada pelo luar sobre as ondas (...) provavelmente uma ave, uma gaivota ou a vela de um barquinho. O bispo aguçou a visão: ‘deve ser um veleiro’, pensou, ‘que vem nos perseguindo. E parece que logo vai alcançar-nos. Estava tão longe e agora pode ser visto cada vez mais perto. Mas... aquilo não parece um barco, e a vela não é uma vela. Alguma coisa está correndo atrás de nós e vai nos alcançar”. O bispo não conseguia distinguir o que era. Chamou o timoneiro: – “Veja! – disse ele. – O que é aquilo? O que é aquilo irmão? O que é aquilo? – continuou perguntando o bispo, ele próprio já podendo ver” (TOLSTÓI, 2001, p. 52). Eram os eremitas, correndo sobre o mar com suas brilhantes barbas esbranquiçadas!

Nesse momento já estavam todos na proa e viram os eremitas que “corriam segurando-se pelas mãos, e os dois das laterais abanavam as mãos, pedindo que o navio parasse. Os três corriam sobre o mar como se fosse em terra firme, corriam sem movi-

mentar as pernas”. Ao chegarem ao navio disseram todos de uma só vez:

– *Servo de Deus, nós esquecemos! Esquecemos o que nos ensinou! Enquanto recitávamos, lembrávamos. Mas ao pararmos de recitar por um momento, escapou-nos uma palavra e daí esquecemos tudo. Não conseguimos lembrar de nada! Ensine-nos novamente. O bispo fez o sinal-da-cruz, inclinou-se para os eremitas e disse: – Santos eremitas, a sua oração também chega a Deus e não sou eu que devo ensiná-los. Rezem por nós, pecadores! – Então prostrou-se diante deles. – Os eremitas pararam, deram meia volta e retornaram pelo mar. E uma aura de luz ficou brilhando até o amanhecer na direção para onde se dirigiram* (TOLSTÓI, 2001).

O conto é bastante evidente por si mesmo. São muitas as reflexões que podemos fazer a partir da sua leitura e releitura. No momento é suficiente destacar alguns pontos. O bispo, por exemplo, representa diretamente a instituição Igreja Ortodoxa Russa. A “falta de costume” que impede o bispo de ver a ilha ao mesmo tempo em que os pescadores, é o distanciamento da instituição em relação ao povo. O bispo, mesmo virtuoso, tem limites impostos pela própria institucionalização da religião cristã. Humilde, o “bispo queria conhecê-los e ensinar-lhes algo, se possível”, mas não deixa de sorrir ironicamente quanto ouve a maneira como os eremitas rezam. Só a vivência de uma situação milagrosa vai ensinar-lhe que a forma de se chegar a Deus prescinde, inclusive, do ritual citado nos Evangelhos.

Os três eremitas representam o povo na sua diversidade, tanto fisicamente quanto ao temperamento. Também o território onde moram reforça essa idéia, “a ilha onde moravam não tinha nome ‘porque aqui tem muitas assim’”. A humildade, serenidade e alegria dos três eremitas, retoma a tradição evangélica do cristianismo, da possibilidade do cristão se realizar em vida. Assim, de maneira bela e comovente, Tolstói nos diz sobre suas idéias, desenvolvidas em ensaios hoje ainda pouco conhecidos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

KUNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Tradução de Carlos A. Pereira. Campinas: Verus, 2004.

O PEREGRINO RUSSO: três relatos inéditos. São Paulo: Paulus, 1986.

PEQUENA FILOCALIA o livro clássico da Igreja oriental. São Paulo: Paulus, 1985.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoievski*. São Paulo, Editora 34, 2003.

RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO. São Paulo: Paulus, 1983.

TOLSTOI, Leon. *O reino de Deus está em vós: o cristianismo apresentado não como uma doutrina mística, mas como uma nova moral*. 2º ed. Tradução de Ceuna Portocarrero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

\_\_\_\_\_. *Onde existe amor, Deus aí está.* Tradução de Victor E. Selin, Aurea G. T. Vasconcelos. Campinas: Verus, 2001.

\_\_\_\_\_. *O diabo e outras histórias.* Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.